# Dia 15 — Santo Eugênio I, Arcebispo de Toledo

## Martirológio Romano

Santa Gertrudes, virgem, de cujo trânsito se faz comemoração no dia 17 deste mês. (Veja-se sua vida entre as do dito dia.)

O martírio de Santo Eugênio, bispo de Toledo e mártir, discípulo de São Dionísio Areopagita, no mesmo dia; o qual, tendo sido martirizado em território de Paris, recebeu do Senhor a coroa do triunfo. Seu corpo foi trasladado depois a Toledo. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Félix, bispo e mártir, em Nola, na Campânia; o qual desde os quinze anos de idade resplandeceu no dom de milagres; e, sendo presidente Marciano, junto com outros trinta alcançou a palma do martírio. (Padeceu o martírio com seus companheiros na mesma cidade de Nola, e escreveu sua história seu sucessor no bispado, o ilustre São Paulino.)

Os santos mártires Gurias e Samonas, em Edessa, na Síria, sendo imperador Diocleciano e presidente Antonino.

O martírio de Santo Abibo, diácono, na mesma cidade; o qual, imperando Licínio e sendo presidente Lisânias, foi despedaçado com unhas de ferro e queimado a fogo lento.

Os santos mártires Secundo, Fidenciano e Varico, na África.

A ditosa morte de São Macuto (ou São Malo ou Maclou), bispo, na Bretanha; esclarecido em milagres desde sua mais terna idade. (Veja-se sua vida entre as do dia 3 deste mês.)

São Lupério, bispo e confessor, em Verona. (Floresceu no século VIII e foi esclarecido em virtudes e milagres.)

São Leopoldo, na Áustria, marquês desta província, a quem canonizou o papa Inocêncio VIII. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

# Santo Eugênio I, Arcebispo de Toledo

A santa igreja de Toledo, primaz das Espanhas, fecunda mãe de ilustres varões que têm adornado a Igreja com suas virtudes e sua doutrina, tem em sua sala capitular um catálogo cronológico de seus prelados, à imitação do que na igreja de São Paulo conserva de seus pontífices a santa igreja de Roma. O primeiro lugar ocupa-o Santo Eugênio, de cujos feitos é tão escassa a notícia que nos ficou que apenas se pode determinar com segurança outra coisa que sua existência e seu martírio. A natural curiosidade dos homens, propensos a investigar tudo, e a soberba de alguns que pretendem a reputação de sábios à custa de enredar com dúvidas e dificuldades os fatos que são de si claros e simples, puseram a história de Santo Eugênio num estado de incerteza que qualquer notícia das particularidades de sua vida se pode ter por aventurada. Mas a verdadeira piedade, que nas lendas dos Santos se contenta com o instrutivo, contanto que se estribe no testemunho de homens sensatos que não pretendem enganar seus semelhantes, despreza facilmente, ou ao menos olha com indiferença as disputas dos críticos e recebe com reverência e edificação os santos exemplos que se lhe apresentam. Conforme a este espírito, referiremos o que da vida de Santo Eugênio conservaram a tradição e alguns monumentos de muitos séculos depois de sua morte, bem seguros de que o verdadeiro cristão achará neles exemplos de edificação, motivos de consolo e ocasião para dar muitas graças a Deus por ter disposto maravilhosamente que nos primeiros anos do cristianismo se propagasse sua santa lei em todos os confins de nossa Espanha, cujo centro tocou a Santo Eugênio.

Nada se sabe de certo em ordem à pátria deste grande Santo; nem menos quem fossem seus pais nem os exercícios de sua juventude. Há quem diga que foi grego de nação, fundando-se em que seu nome é também grego; mas, como naquele tempo havia cundido tanto por toda a Itália não somente a língua grega, mas até a propagação de tantas famílias que se viram obrigadas a deixar seu solo desde as vitórias de Metelo e Sila, é débil fundamento o nome de Eugênio para persuadir-se de que fosse daquela nação. Outros o creem nascido em Roma, e não como quer que seja, mas das famílias equestres, atribuindo-lhe a mesma educação e exercícios com que se distinguiam os cavaleiros romanos; tudo o que se diz sem outro fundamento que o da conjetura. O Rmo. Flórez, vendo que numa matéria tão obscura nada se podia afirmar com segurança, e que aquilo parecia mais certo que tivesse a seu favor razões de maior probabilidade e verossimilhança, foi de parecer que Santo Eugênio foi espanhol; que, sendo naquele tempo a Espanha uma parte do império romano, cuja capital era a árbitra de todos os negócios e interesses próprios da Península, é de crer que Santo Eugênio, por algum grave negócio, passaria àquela capital, onde se instruiu perfeitamente das máximas do Evangelho e concebeu os desígnios apostólicos que depois pôs em prática. Movem-no a pensar desta maneira o abandono que Santo Eugênio fez das Gálias, onde tanto se necessitavam ministros evangélicos, e a predileção com que olhou à Espanha numa sazão em que bastaria para entibiar-lhe qualquer afeto a santa companhia de um São Dionísio que devia perder. Tudo isto faz crer que o Santo teve algum poderoso motivo; e, sendo tão natural o amor da pátria, podemos aventurar-nos a crer que o Santo não somente foi espanhol, mas da província de Toledo, pois as razões que dão motivo para crer o um lhe dão também para o outro. De qualquer

maneira que seja, sempre fica o que dissemos ao princípio em ordem à incerteza de seu nascimento e de sua criação. Se esta pode deduzir-se ou inferir-se das ações posteriores de sua vida, não podemos deixar de supor que foi muito boa e regrada. O talento que manifestou sendo já bispo convence de que o céu lhe deu as mais belas disposições que se podiam apetecer para os altos fins a que o havia destinado. Seu engenho vivo, seu dizer eloquente e enérgico e seus doces costumes o faziam amável a todos e sujeito proporcionado para as maiores empresas.

A cronologia que com maior fundamento se atribui a este Santo faz coincidir sua juventude com aquele tempo em que o apóstolo São Pedro veio à cidade de Roma a estabelecer nela a cátedra de seu pontificado e fazê-la a capital do mundo cristão, assim como o era do maior dos impérios. Por este tempo seduzia aquelas miseráveis gentes com suas artes mágicas o sacrílego Simão Mago, homem soberbo e levado da mania de fazer-se espetacular com prejuízo da verdade e à custa de ilícitos tratos com o príncipe das trevas. Com seus artifícios havia conseguido não tão somente a admiração dos romanos, mas também a do imperador Nero, gênio raro, levado do maravilhoso, ainda que isto consiste no extremo dos vícios. O apóstolo São Pedro se lhe opôs com vigor, pregando livremente as máximas da verdade e procurando desfazer os erros do embusteiro. Para este efeito havia deixado Antioquia, onde havia estado sete anos, o Ponto, a Galácia, a Capadócia, a Ásia e a Bitínia, onde havia pregado aos judeus. Quando São Pedro chegou a Roma, acompanhado de São Marcos e de muitos outros discípulos, o mesmo Simão, que na Palestina havia sido tido por um embusteiro, havia chegado em Roma a tão alto grau de reputação que foi tido por Deus, e como a tal lhe ergueram uma estátua na ilha do Tibre, com esta inscrição: *A Simão, deus santo.* Haviam muitos prometido ao imperador Nero voar em sua presença; e Simão, tido por o principal na arte mágica, ofereceu-o também, em confirmação de quantas ideias havia semeado contrárias aos Cristãos. No dia que se dispôs para este grande espetáculo, vendo São Pedro e São Paulo que dele poderiam resultar funestíssimas consequências contra a religião cristã, determinaram pôr-se em oração juntos, pedindo a Deus que em obséquio de seu santo nome confundisse aquele pérfido discípulo dos demônios. Por ministério destes voou efetivamente Simão o Mago; mas em meio de seu voo chegou a toda a sua eficácia a oração dos santos Apóstolos e caiu precipitado diante do Imperador, tendo-se quebrado as pernas e desconcertado todo o seu corpo em resultas do golpe: subiram-no a um lugar elevado para curá-lo; mas, não podendo sofrer as terríveis dores que padecia, precipitou-se ele mesmo e deu fim a uma vida que não devia ter tido princípio. Em resultas deste fato, e ressentido Nero pela morte do Mago, que entre outros muitos era seu mestre nesta arte, mandou prender São Pedro e São Paulo e começou a manifestar-lhes aquele ódio implacável que lhes conservou até a morte.

Enquanto sucediam estas coisas achavam-se em Roma muitos discípulos dos Apóstolos; e entre eles, segundo o Breviário moderno e muitos antigos, São Dionísio Areopagita e Santo Eugênio, que era companheiro e amigo seu. Tanto pela doutrina dos santos Apóstolos como pela visível confirmação com que o céu a favorecia, haviam-se radicado mais e mais nas máximas do Evangelho e religião de Jesus Cristo. O mesmo sangue dos Apóstolos, que viram derramar por seu nome, foi como um bálsamo precioso que consolidou em suas almas as altas doutrinas que estavam de antemão estabelecidas; e a Graça ia dispondo nestes Santos uns obreiros evangélicos que fossem dignos sucessores dos Apóstolos. Também é natural e verossímil que Santo Eugênio presenciasse a ordenação e missão de São Torquato e dos demais varões apostólicos que vieram a pregar à Espanha e a prosseguir nesta região a grande obra que São Paulo e Santiago haviam

começado primeiro. Todos estes objetos gravados em seu coração avivariam seu espírito, procurando exercitar-se com os demais fiéis e discípulos dos Apóstolos nos exercícios próprios da religião cristã e em adquirir toda aquela ciência e notícias que eram necessárias para formar um bom bispo e fazer o estabelecimento da Religião numa província de gentios. Nisto se empregou Santo Eugênio em companhia de São Dionísio, que uns querem seja o Areopagita, negando-o outros, até o ano 68 ou 69 da era vulgar, em que, assinalado São Clemente por sucessor de São Pedro e de São Lino, determinou enviar às Gálias varões apostólicos que as tirassem das trevas em que estavam submersas e as alumiassem com a luz evangélica. Elegeu para esta grande obra a São Dionísio, a Santo Eugênio e a outros cristãos de espírito, de probidade e de doutrina. E, tendo ordenado de bispos os que lhe pareceu conveniente, e entre eles a Santo Eugênio, enviou-os com a bênção de Deus; e os Santos, com grande confiança nele, empreenderam sua viagem. Chegaram às Gálias e, segundo uma tradição antiga, pregaram em Arles; mas Santo Eugênio, bem fosse por motivo de ser sua pátria a Espanha, ou por outro que nos é desconhecido, deixando a São Dionísio, que se dirigiu a Paris, endereçou seu rumo a esta Península e não o interrompeu até chegar a Toledo.

No caminho é fácil conceber os penosos exercícios em que se empregaria, umas vezes ensinando, outras persuadindo e outras, finalmente, combatendo os erros que encontrava arraigados nas gentes desde tempo imemorial. O espírito com que este varão apostólico entrou na Espanha era o mesmo com que havia vindo Santiago e os sete apostólicos, e o mesmo que ordenou Jesus Cristo tivessem quando disse a seus Apóstolos: *Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura.* Estava a Espanha então feita por a maior parte o teatro da superstição e de todos os erros. São Torquato e seus companheiros, como haviam entrado pelas províncias meridionais, não haviam penetrado no interior da Península; e assim todos os seus trabalhos não haviam feito outra coisa que preparar os caminhos à verdade, começando a dissipar as trevas do erro. As superstições derivadas dos fenícios e cartagineses e outras de origem desconhecida, adotadas ou inventadas pelos mesmos espanhóis desde os tempos mais remotos, se haviam retirado ao centro. Por isso mesmo devia Santo Eugênio combater não somente com os enganos religiosos da nação, mas com quantos haviam trazido de fora seus tesouros e com as mesmas gentes que vieram a roubá-los. Eugênio, com ânimo esforçado, entra na Espanha qual sol resplandecente, resolvido a desterrar de seu seio as trevas, a ensinar a verdade aos espanhóis e a perder na demanda, se fosse mister, sua própria vida. Fez mansão em Toledo, cidade famosa e capital da Carpetânia e, segundo alguns, veio destinado por bispo desta cidade pelo papa São Clemente, de acordo com São Dionísio. Como seu fim não era outro que plantar a religião do Crucificado sem perdoar trabalho nem temer perigos, era preciso que o céu lançasse sua bênção sobre todas as suas fadigas. Em breve teve o consolo de ver uma porção considerável de gentios convertidos à fé de Jesus Cristo; tanto que formou sua igreja, celebrou sacrifícios e dispôs tudo com aquela ordem e liturgia que havia aprendido dos Apóstolos e de São Clemente. Ao passo que ia crescendo o número de crentes, iam-se multiplicando seus trabalhos; mas todos os dava por bem empregados à vista dos copiosos frutos que lhe produziam. Seu fervoroso zelo não se cingia aos muros da cidade, mas, saindo pelos povos circunvizinhos, estendia-se aos bolcades e carpetanos, podendo gloriar-se todos estes povos de ter sido Santo Eugênio o pai de sua fé e seu apóstolo. Mais de vinte anos consumiu o Santo nos exercícios apostólicos e em desterrar a superstição desta província, experimentando neles os trabalhos e perseguições que as histórias referem ter padecido os ministros do Evangelho em outras nações gentílicas. O natural feroz e indomável dos espanhóis

daquele tempo e a cegueira e a cobiça dos sacerdotes dos ídolos fariam verossímil e crível quanto de Santo Eugênio se afirmasse em ordem a padecer perseguições pelo estabelecimento da fé. O leitor piedoso as considerará segundo sua piedade, seu fervor e seu talento; mas a história de Santo Eugênio não determina nada.

Gozoso o Santo com a extensão que havia adquirido sua igreja e quanto se havia multiplicado o rebanho de Jesus Cristo, quis ver-se com São Dionísio para dar-lhe novas tão felizes e tratar com ele das coisas pertencentes a sua igreja de Toledo. Arrumou os negócios que tinha pendentes: deixou encarregado a ministros de sua satisfação o ministério da palavra e praticou quanto podia sugerir uma celestial prudência a um pai, a um pastor, a um bispo. Feito isto, pôs-se a caminho para Paris, derramando por todas as partes a semente evangélica e o bom odor de seus inocentes costumes e santa vida. Era o tempo em que a segunda perseguição de Domiciano havia chegado a seu maior extremo, na qual, entre muitos milhares de Mártires, haviam conseguido este glorioso triunfo São Dionísio, bispo de Paris, e seus dois companheiros Rústico e Eleutério. Quando Santo Eugênio chegou a uma aldeia vizinha de Paris, chamada Deuil, soube a sorte venturosa que havia tido o santo Bispo em cuja busca vinha: e, por uma parte combatido da dor de ter perdido um amigo tão precioso e por outra de uma santa inveja do triunfo que havia logrado, começou a pregar com tal zelo e viveza que não só se fez espetacular àquelas gentes, mas sua fama chegou logo a Paris. Residia ali Sisínio, governador das Gálias, em quem se competiam a brutalidade dos costumes e a fereza. Apenas ouviu como Santo Eugênio pregava, quando conceituou que nada havia feito com tirar a vida a Dionísio se deixava com ela ao que tanto se lhe parecia. Enviou imediatamente seus ministros a Deuil com as instruções convenientes para fazer o interrogatório a Eugênio e em sua consequência tirar-lhe a vida. Logo que chegaram a Deuil os ministros infernais, puseram em execução o decreto do Presidente. Chamaram o Santo e, ainda que com uma tíbia esperança de poder dissuadi-lo da religião que professava, fizeram-lhe suas perguntas e intentaram persuadi-lo a que, abandonando a religião de Jesus Cristo, oferecesse incenso aos ídolos como o único meio de salvar a vida e de não desonrar sua ancianidade venerável com uma morte afrontosa. Santo Eugênio, com uma fortaleza evangélica e digna de um discípulo dos Apóstolos e do primeiro bispo de Toledo, respondeu que não reconhecia mais que um Deus, criador dos céus e da terra, e a Jesus Cristo seu Filho, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que havia redimido o mundo derramando seu preciosíssimo sangue; que só a este Deus adorava e que, pelo contrário, abominava e detestava os ídolos como mudas obras dos homens e invenções do demônio. Esta resposta certificou os ministros de Satanás de que perdiam o tempo com Eugênio; e assim, sem dar mais tréguas, cortaram-lhe a cabeça no dia 15 de novembro do ano de 96, que foi o mesmo em que morreu Domiciano.

Já sabiam os gentios a singular veneração que tributavam os Cristãos aos sagrados despojos dos que derramavam seu sangue pela fé; e, para impedir que o corpo e cabeça de Santo Eugênio fossem participantes de semelhantes honras, lançaram-nos num lago chamado Marcásio e voltaram a Paris muito satisfeitos de que haviam preenchido completamente as intenções de Sisínio. Neste lago permaneceram as sagradas relíquias por muitos séculos, até que, querendo Deus que seu servo participasse das honras que tão justamente merecia, proporcionou-o por uma de suas maravilhas acostumadas. Estava enfermo de perigo um vizinho de Deuil, chamado Hercoldo, sujeito rico, nobre e sobretudo piedoso. Desesperado das medicinas da terra, recorreu às do céu por meio de suas orações a Deus, para quem punha por intercessor o glorioso São Dionísio.

Ouviu Deus suas súplicas; e uma noite lhe apareceu em sonhos o santo Bispo, assegurou-lhe a sanidade e lhe mandou que extraísse do lago Marcásio o corpo de seu irmão e condiscípulo Eugênio e o colocasse em lugar decente. Logo que despertou Hercoldo, conheceu pela repentina sanidade com que se achava que aquela visão havia sido celestial. Pôs por obra imediatamente o que lhe havia mandado São Dionísio e a pouca diligência encontrou no lago Marcásio o corpo e cabeça de Santo Eugênio, a quem construiu um templo magnífico em Deuil para que fossem veneradas suas relíquias. Achou-se o sagrado cadáver e a cabeça, depois de tantos séculos como havia estado entre a água e a lama, tão inteiro e incorrupto como se naquela mesma hora o tivessem lançado. Este portento, juntamente com os contínuos favores que Deus dispensava a todas as gentes daquela comarca pela intercessão de Santo Eugênio, deu tanto aumento a seu culto que todas as gentes acudiam a seu patrocínio nas maiores necessidades. Numa delas foram levadas as sagradas relíquias pelos habitantes de Deuil à igreja de São Dionísio de Paris para fazer ali rogativas públicas com que aplacar os divinos enojos. Acabaram os de Deuil seus devotos exercícios e quiseram voltar a seu povo em procissão como haviam vindo, levando consigo as relíquias de seu santo Mártir. Procuraram executá-lo por todos os meios; mas a arca onde estavam encerradas as sagradas relíquias se fez imóvel, de maneira que não foi possível consegui-lo. Entendeu-se ser vontade de Deus que o Santo ficasse naquele lugar; e, ainda que os de Deuil manifestaram a princípio sumo pesar pela perda de tão grande tesouro, consolaram-se depois vendo que era determinação divina que Santo Eugênio fosse venerado no mesmo sítio em que o era seu companheiro e condiscípulo São Dionísio. Isto se manifestou claramente; porque, tendo-se chegado os monges daquele mosteiro a mover a arca, as sagradas relíquias se deixaram levar facilmente a uma capela onde as colocaram com grande aparato.

Enquanto os de Deuil desfrutavam o precioso tesouro das relíquias de Santo Eugênio e os monges do mosteiro de São Dionísio se enriqueciam com ele à custa dos prodígios do céu, a igreja de Toledo, que era a verdadeira credora a tamanha riqueza, carecia não somente das relíquias de seu primeiro prelado, mas até da notícia de que este tivesse sido Santo Eugênio. O decurso dos tempos, as várias irrupções que padeceu a Espanha nos primeiros séculos do cristianismo e, o que é mais que tudo, o ter o Santo padecido martírio em reino estranho havia apagado de tal maneira sua memória que teria ficado para sempre aniquilada se um acaso ditoso não o tivesse precavido. No ano de 1148 celebrou-se em Reims um concílio, ao qual assistiu D. Raimundo, arcebispo de Toledo. Com este motivo, achando-se no mosteiro de São Dionísio de Paris, advertiu na capela de Santo Eugênio uma inscrição estranha que chamou todas as suas atenções. A inscrição dizia assim: *Aqui descansa Eugênio mártir, primeiro arcebispo de Toledo*, a qual, sem embargo do ditado de arcebispo, que nem nos primeiros séculos nem em todo o tempo dos godos tiveram os prelados de Toledo, bastou para informar-se dos motivos que tinham aqueles monges para venerar o Santo com este título. Reconheceu os muitos e sólidos fundamentos deduzidos do arquivo do mosteiro, que provavam uma bem fundada tradição. Persuadiu-se de que realmente aquele Santo Eugênio havia sido primeiro prelado de sua igreja. Comunicou a esta notícias tão felizes e agradáveis e a pôs em termos de que solicitasse e conseguisse a trasladação de um braço do Santo desde o mosteiro de São Dionísio à santa igreja catedral de Toledo. Sem embargo de ter conseguido isto, a santa igreja sempre suspirava pela inteira posse do primeiro pai de sua fé; os quais suspiros foram ouvidos por Deus no tempo de Filipe II, que aplainou todas as dificuldades que não haviam podido superar em outro tempo muito poderosos monarcas. O filho de Carlos V conseguiu que os monges

de São Dionísio se dispusessem a fazer a entrega de todo o corpo de Santo Eugênio; e, tendo dado comissão a D. Francisco Manrique de Lara, cônego de Toledo, dispuseram-se todas as coisas tão bem que em 18 de novembro de 1565 a santa igreja catedral de Toledo, e primaz das Espanhas, recebeu os sagrados despojos de seu primeiro prelado e mártir de Jesus Cristo Santo Eugênio. Esta trasladação se fez com toda a pompa e aparato que podia desejar-se em ocasião de tanto júbilo. O mesmo rei Filipe II, Carlos, seu filho, e os sobrinhos seus, arquiduques da Áustria, levavam sobre seus ombros a preciosa urna onde ia guardado o preciosíssimo tesouro. Colocou-se no altar-mor da santa igreja, onde tem sido venerado como padroeiro, e o Santo tem favorecido aos toledanos e demais fiéis do bispado como verdadeiro pai seu.

# São Leopoldo, Marquês da Áustria, Confessor

Leopoldo, quarto deste nome, chamado comumente desde sua infância o Piedoso, foi filho de Leopoldo III e de Itta, filha do imperador Henrique IV. Por atender diligentemente às instruções nos mistérios de Deus e entender continuamente nas máximas do Evangelho, chegou a saber que não havia mais que um caminho e uma regra de salvação para príncipes e para particulares: esta a estudou com aplicação e desde sua infância procurou dirigir por ela suas ações. Em sua juventude fez com o estudo um repositório mediano de doutrina; mas o principal objeto de suas tarefas foi sempre viver só para a eternidade, dobrar suas paixões, mortificar seus sentidos, renunciar os deleites do mundo, gastar muito tempo em oração e meditação e aplicar-se ao exercício de toda obra boa, especialmente às esmolas e ofícios de caridade. Por morte de seu pai considerou ter chegado o tempo de ser obrigação indispensável sua procurar por todos os meios imagináveis a felicidade da numerosa nação que havia ficado a seu cargo. Os austríacos então, ou pelos anos de 1096, eram uma gente grosseira e supersticiosa; era, pois, necessário domesticar seus espíritos, imbuí-los nos princípios da razão e da sociedade e fazê-los cristãos. A obra era árdua e odiosa, pelo que o Santo se preparou para ela pedindo a Deus encarecidamente aquela sabedoria que era necessária para tal empresa: e, com efeito, com a bênção divina e a esforços de sua atividade, teve o sucesso que não devia naturalmente prometer-se. Era afável com todos, procurava fazer bem a cada um de por si e aliviou quanto pôde as cargas públicas de seu povo. Seu palácio parecia habitação e assento da virtude, da justiça e do bem. Quando se via obrigado a conter os vícios com o castigo, procurava persuadir os culpados a sofrer a pena com paciência e com espírito de penitência; e lhes fazia conhecer que era justo o rigor de que em tais ocasiões usava. Perdoava aos malfeitores sempre que não o repugnava a prudência; porque considerava que o manter a justiça, a paz e a saúde pública dependia da exata obediência e execução das leis.

Quando se rompeu a guerra civil entre o excomungado imperador Henrique IV e seu próprio filho Henrique V, empenharam Leopoldo a que se agregasse ao último, a cuja causa dava ele maior justiça e razão. Os motivos da religião e da justiça e a autoridade de outros o determinaram a dar este passo; não obstante, Cuspiniano nos diz que depois fez uma admirável penitência pela parte que havia tido naqueles passos. No ano de 1106 tomou por mulher a Inês, virtuosa e completa

princesa, filha do imperador Henrique IV, irmã de Henrique V e viúva de Frederico, duque da Suábia, de quem havia tido ela a Conrado, depois imperador, e a Frederico, pai de Frederico Barbaruiva. De São Leopoldo teve dezoito filhos, dos quais sete morreram na infância: os demais fizeram seus nomes famosos com suas ações grandes e virtuosas. Alberto, que era o maior, depois de ter dado grandes provas de um valor nada comum e de muita perícia militar, morreu na Panônia, poucos dias depois que seu pai. Leopoldo, filho segundo, sucedeu a seu pai na Áustria e reinou também na Baviera. Oto, filho quinto, fez grandes progressos em seus estudos em Paris; fez-se monge cisterciense e abade de Morimond, foi depois eleito bispo de Frisinga, acompanhou o imperador Conrado à Terra Santa e morreu em Morimond com grandes sentimentos de piedade. Sua famosa *Crônica* desde o princípio do mundo e outras obras são monumentos de sua aplicação aos estudos. A marquesa Inês queria ter parte também em todas as boas obras de seu marido. Lia com ele as santas Escrituras e com júbilo interrompia seu sono de noite para levantar-se ao ofício comum noturno da Igreja, ao que ambos os consortes acrescentavam algumas meditações sobre as verdades da vida eterna. Leopoldo, no ano de 1117, fundou o mosteiro da Santa Cruz da Ordem cisterciense, doze milhas italianas distante de Viena, perto do castelo de Kahlenberg, onde ele vivia. Teria querido o Santo e sua religiosa mulher não levantar-se jamais do pé do altar cantando os divinos louvores; mas, obrigados por seu estado no mundo a atender também aos negócios temporais, ainda que em todos eles achavam a Deus, cuja vontade e cuja glória se propunham em quanto haviam de obrar, resolveram fundar um mosteiro de cônegos regulares que pudessem substituir-se em lugar deles para celebrar dia e noite as funções angélicas que eles não podiam por si. Executaram este pensamento com a fundação do nobre mosteiro de Nossa Senhora de Klosterneuburg, oito milhas de Viena. O Marquês, por humildade, não quis pôr a primeira pedra, mas mandou que um sacerdote a pusesse em seu nome. A igreja foi dedicada no ano de 1118 pelo arcebispo de Salzburgo, assistido do bispo de Passau, do diocesano e do bispo de Gurk. Esta fundação foi confirmada pelo Papa e por uma autêntica de Leopoldo, onde se intitula muitas vezes marquês oriental em lugar de marquês da Áustria, firmada de Ottokar, marquês da Estíria, e de outros muitos condes e nobres, em presença dos Bispos, que fulminaram uma excomunhão com terríveis anátemas contra qualquer que ousasse violar os direitos deste mosteiro ou injuriar e molestar os pobres servos de Cristo que seguiam ali a regra de Santo Agostinho.

Estêvão II, rei da Hungria, invadiu a Áustria; mas foi rechaçado por Leopoldo, que derrotou suas tropas numa ação muito assinalada. Os húngaros voltaram alguns anos depois, mas o Marquês saiu-lhes ao encontro às suas fronteiras; e ficou seu exército tão maltratado que se deram por muito ditosos em poder salvar o resto com a fuga. Por morte de Henrique V, no ano de 1125, alguns dos eleitores e outros desejaram elevar Leopoldo à dignidade imperial; mas prevaleceu a eleição de Lotário II, duque da Saxônia. Conrado e Frederico, filhos de Inês e do duque da Suábia, que haviam sido também dos candidatos, levantaram muitos distúrbios no império; mas por fim vieram ambos a ser imperadores sucessivamente. Mas Leopoldo aderiu tão fielmente a Lotário que lhe deu provas evidentes de seu desinteresse e lhe manifestou quão longe estava seu coração dos vícios da ambição e da inveja. Acompanhou o Imperador, como amigo seu, em sua viagem à Itália. Depois de um glorioso reinado foi visitado de sua última enfermidade, na qual confessou seus pecados com muitas lágrimas, recebeu a Extrema-Unção e demais Sacramentos da Igreja e, sem cessar de chamar a Jesus seu redentor nem de encomendar sua alma em suas mãos pelos méritos de sua preciosa morte, com admirável tranquilidade e resignação passou ao estado de uma feliz

eternidade em 15 de novembro do ano de 1136. Foi enterrado em seu mosteiro de Klosterneuburg, duas milhas germânicas de Viena, e em seu aniversário e no de sua mulher distribuem-se ainda pela comunidade grandes esmolas a todos os pobres que acodem a recebê-las. São Leopoldo foi honrado por Deus com muitos milagres e canonizado por Inocêncio VIII no ano de 1485. (Butler.)

# Missa (oração)

A missa é em honra de Santo Eugênio, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui præsentem diem beati Eugenii martyris atque pontificis martyrio consecrasti: præsta propitius, ut cujus annua celebritate lætamur, ejus meritis donum tuæ gratiæ consequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

**Português:** Ó Deus, que consagrastes este dia com o martírio do bem-aventurado Eugênio, vosso mártir e pontífice, concedei-nos, Senhor, que pelos méritos daquele cuja festividade celebramos com alegria consigamos o dom precioso de vossa graça. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

# Epístola

A epístola é do capítulo 1 do apóstolo Tiago.

**Tiago 1,12-18**

> **Latim:** [12] Beatus vir qui suffert tentationem : quoniam cum probatus fuerit, accipiet coronam vitæ, quam repromisit Deus diligentibus se. [13] Nemo cum tentatur, dicat quoniam a Deo tentatur : Deus enim intentator malorum est : ipse autem neminem tentat. [14] Unusquisque vero tentatur a concupiscentia sua abstractus, et illectus. [15] Deinde concupiscentia cum conceperit, parit peccatum : peccatum vero cum consummatum fuerit, generat mortem. [16] Nolite itaque errare, fratres mei dilectissimi. [17] Omne datum optimum, et omne donum perfectum desursum est, descendens a Patre luminum, apud quem non est transmutatio, nec vicissitudinis obumbratio. [18] Voluntarie enim genuit nos verbo veritatis, ut simus initium aliquod creaturæ ejus.

**Português:** [12] Bemaventurado o homem, que sofre com paciencia a tentação: porque depois que elle tiver sido provado, receberá a coroa da vida, que Deos tem promettido aos que o amão. [13] Ninguem, quando he tentado, diga, que Deos he o que o tenta: porque Deos he incapaz de tentar para o mal: e elle a ninguem ten-ta. [14] Mas cada hum he tentado pela sua propria concupiscencia, que o abstrahe, e allicía. [15] Depois quando a concupiscencia concebeo, pare ella o peccado: e o peccado quando tiver sido consum-mado, gera a morte. [16] Não queirais pois errar, irmãos meus muito amados. [17] Toda a dadiva em extremo ex-cellente, e todo o dom perfeito vem lá de cima, e desce do Pai das luzes, no qual não ha mudança, nem sombra alguma de variação. [18] Porque de pura vontade sua he que elle nos gerou pela palavra da verdade; a fim de que sejamos como as primícias das suas creaturas.

# Reflexões

*O que é tentado não diga que Deus o tenta*, pois Deus não é capaz de tentar ao mal. A alma se expõe por sua própria concupiscência ao ar mais contagioso e desafia os perigos: deita-se a dormir sobre a borda do precipício e depois grita contra a violência da tentação e contra a viciosa propensão da natureza corrompida. Causa verdadeiramente lástima ouvir queixar-se a maior parte dos cristãos de quão dificultosa é a salvação e do grande número de impedimentos para conseguila. Tudo é tentação, dizem, tudo escolhos, tudo laços: vivemos em país inimigo, e até de nosso mesmo coração havemos de desconfiar. O tentador está de inteligência com todos os nossos sentidos: são poucos os objetos que não estão envenenados: o veneno se introduz pelos olhos: as diversões mais inocentes e lícitas servem muitas vezes de laço e de artifício para enredar a alma. Tudo isso é assim. Mas, e bem, nesta generalidade de riscos, que armas, que preservativos, que auxílios, que meios tomamos? Ao menor ruído, ao mais leve rumor de peste ou de contágio, alvoroça-se todo o país, todos fogem, todos o abandonam. Nem interesse particular, nem razão de amizade, nem vínculo de parentesco, nem respeitos de decência, nada basta para deter-nos. Priva-se cada um do jogo, do passeio, da conversação, do comércio. Academias, diversões, visitas, espetáculos, tudo se fecha, tudo se interrompe, tudo cessa. E tudo isso por quê? Pela saúde, pelo temor da morte, pelo amor à vida. E a salvação? E o temor do inferno? E o desejo da bem-aventurança produz os mesmos efeitos? Com que segurança se expõem os homens aos maiores perigos da salvação? Com que obstinação se mantêm no meio das chamas! E depois se queixam de seu ardor e de sua vivacidade! Derramam-se no meio do mundo: vão buscar as concorrências onde tudo conspira a corromper os sentidos, a irritar as paixões, a estragar os costumes, a debilitar a fé e a perder a alma. E depois lançam a culpa à natureza e a sua viciosa inclinação. Acusam o tentador, acusam a tentação, e falta pouco para que acusem também a divina Providência. Ainda que o inimigo da salvação não se lembrasse de nós, seriam os homens menos tentados do que o são, sendo eles mesmos seus maiores tentadores? Que necessidade terá o demônio de tentar os jovens naquelas concorrências onde sempre está desterrada a inocência, naquelas diversões onde não estaria segura a virtude mais arraigada? Desenganemo-nos: nenhuma coisa pode eludir aquele oráculo infalível: *o que ama o perigo perecerá nele.* Se se conservasse a inocência no meio destas perigosas ocasiões, os mais dissolutos fariam maiores milagres que os Santos. A ninguém tenta Deus; cada qual é tentado por sua própria concupiscência, que ele mesmo irrita e acende mais.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São João.

**João 12,24-26**

> **Latim:** 24 Amen, amen dico vobis, nisi granum frumenti cadens in terram, mortuum fuerit, 25 ipsum solum manet : si autem mortuum fuerit, multum fructum affert. Qui amat animam suam, perdet eam ; et qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam. 26 Si quis mihi ministrat, me sequatur, et ubi sum ego, illic et minister meus erit. Si quis mihi ministraverit, honorificabit eum Pater meus.

**Português:** 24 Em verdade, em verdade vos digo, que se o grão de trigo, que cahe na terra, não morrer, 25 fica elle só: mas se elle morrer, produz muito fruto. O que ama a sua vida, perdella-ha: e o que aborrece a sua vida neste mundo, conservalla-ha para a vida eterna. 26 Se alguem me serve, siga-me: e onde eu estiver, estará alli tambem o que me serve. Se alguem me servir, meu Pai o honrará.

# Meditação

*Da santidade da vida*

# Primeiro ponto

Considera que o destino dos mundanos, sempre famintos e sempre sedentos dos bens sensíveis, é não estar nunca contentes; como ao contrário a sorte das almas timoratas e virtuosas, famintas e sedentas da justiça, é achar nos caminhos da santidade com que saciar e satisfazer toda a extensão de seus desejos. No meio disso, sendo a santidade o único bem do homem, é pontualmente o único bem que o homem não deseja. Este único bem, que só ele é capaz de saciar nosso coração; este excelente bem, que só ele nos pode fazer ditosos; este precioso bem, que só ele é pleno, sólido e real, é aquele tesouro escondido do Evangelho cujo valor não se conhece. Não se considera sua importância nem seus grandes atrativos, e se ignora a facilidade com que se pode adquirir, apesar de todos os estorvos. Três erros reinam no mundo acerca da santidade que entibiam o fervor dos Cristãos, que lhes tiram, ou ao menos lhes embotam o desejo de ser santos, tanto no estado religioso como no secular. Por mais que se diga, é certo que se estima pouco no mundo a santidade. Respeitam-se (é assim) aqueles homens virtuosos do tempo passado, cuja memória veneramos; mas não sei por que caprichosa extravagância se olham com desprezo os

virtuosos do tempo presente. Tratam-se como a uns pobres simples os que abraçam o partido da devoção e fazem pública profissão de segui-la. No meio disso não há melhor prova de seu entendimento sólido, excelente, superior que esta fome, esta ardente sede pela santidade. Logo que o Espírito Santo declamou na Escritura a vaidade das ocupações dos homens, acabou com estas palavras: *Teme a Deus e guarda seus mandamentos, porque isto é ser verdadeiramente homem.* Se se formasse verdadeira ideia e conceito claro do dom mais excelente entre todos os dons de Deus, ninguém deixaria de aspirar à santidade com aquele ardor, com aquele ansioso desejo que nos quis significar o Salvador do mundo pelas expressões figuradas de fome e sede de justiça. Já se considere o homem com respeito a Deus, que é seu princípio e seu fim; já se olhe com relação ao comércio e à sociedade civil, cuja parte constitui; já se atenda com reflexão a si mesmo, de quem é responsável, não se achará coisa mais grande nem mais digna de ocupá-lo que o cuidado de sua santificação. Todos estamos no mundo unicamente para conhecer a Deus, amá-lo e servi-lo; não fomos criados nem o pudemos ser para mais alto fim. Toda a nossa grandeza consiste em agradar-lhe: isto só se consegue por meio da santidade; ela só nos merece sua aprovação e sua graça; ela só nos comunica o mérito verdadeiro; ela só nos faz respeitáveis aos homens e aos Anjos; ela só nos pode fazer eternamente ditosos. E com tudo isso não é a santidade o objeto de nossos desejos, de nossa ambição e de todas as nossas ânsias!

# Segundo ponto

Considera que, ainda consultando precisamente a luz da razão natural, não se encontra maior grandeza na terra que a vida de uma pessoa dedicada unicamente ao cuidado de servir a Deus. Quando, no meio dos enlevos, dos passatempos, das pretensões e dos negócios que repartem entre si o coração dos homens e sorvem toda a sua aplicação, vês um homem segundo o coração de Deus, como um Santo Eugênio e como tantos outros Santos que neste mundo não aspiraram a outra coisa que à ventura de agradar-lhe, que consideraram como sua principal obrigação, como sua mais estimada herança o cumprimento da lei de Deus; quando se nos põem diante dos olhos umas pessoas cujo caráter é a pureza de costumes, a retidão, a prudência e a boa-fé; umas pessoas humildes, modestas, isentas dos assaltos, dos ímpetos das paixões, cuja inalterável mansidão, cuja caridade universal e cuja exemplar virtude é objeto da admiração comum, não nos parecem estas pessoas as mais sensatas, as maiores, as mais estimáveis de todos os homens? Nisto consiste, pois, a verdadeira grandeza; isto constitui o mérito verdadeiro. Toda outra grandeza envelhece conosco e, por assim dizer, se vai debilitando com a idade; ao menos é certo que se acaba com a vida. A morte despoja o homem de todos os seus bens; o mais brilhante esplendor se apaga com o último sopro. Que é o que fica no sepulcro de todas as grandezas humanas? Somente a santidade é aquele precioso tesouro cujo valor não pode diminuir o tempo; é aquele único bem de que não nos despoja a morte, antes bem a mesma morte dá novo lustre à santidade: os Santos são maiores quando mortos que quando vivos, e nunca se respeita mais a santidade que quando a assegurou já a sepultura. Por isso Deus, a quem toca privativamente fazer juízo são da verdadeira grandeza, não reconhece outra que a santidade. O que parece grande aos olhos do mundo é abominável aos de Deus; e o que parece desprezível aos homens é grande em sua presença. *Erit magnus*, disse o Espírito Santo de São João Batista, e pode dizer-se de todos os demais Santos. Mas que grandeza pode representar aos olhos mundanos um homem sepultado num deserto sem bens e sem empregos? Enganas-te; será Santo e por isso mesmo será grande. Não nos imaginemos que

mede Deus a grandeza pela regra de nossos sentidos nem pelo sistema que forma o espírito do mundo. Quantos Santos nasceram de família obscura, plebeia, pobre, humilde e passaram a vida humilhados, abatidos e esquecidos? Contudo foram grandes porque foram Santos; e os mesmos grandes do mundo, os prudentes do século rendem hoje homenagem a sua prudência e a sua grandeza verdadeira. Já não tratam de simpleza aquela observância das coisas mais miúdas, aquela exatidão em suas pequenas devoções, aquela circunspecção, aquela pontualidade, aquela delicadeza de consciência.

Fazei, Senhor, que desde logo forme aquele conceito da santidade que hei de formar na hora da morte; aquele que formais Vós, ó Sabedoria incriada, e aquele próprio que eu mesmo hei de formar por toda a eternidade. Mas, já que me dais estes pensamentos, dignai-vos, Senhor, dar-me graça para que sejam eficazes. Confiado unicamente nesta graça e na séria vontade que tendes, meu Deus, de que eu seja santo, proponho desde hoje trabalhar em minha santificação com toda a minha alma, com toda a minha aplicação e com todas as minhas forças possíveis.

# Jaculatórias

Resoluto estou, Senhor, a guardar inviolavelmente tua santa lei toda a minha vida: ajuda minha fraqueza e não me desampares. (Sl 118.)

Meditarei sem cessar teus mandamentos e me exercitarei nos caminhos que guiam a ti. (Ibid.)

# Propósitos

1. Nem sempre são os grandes serviços os que mais se estimam e mais se agradecem no mundo: muitas vezes um obséquio que em si é de pouca monta não se considera como tal quando se crê que nasce de uma forte paixão e de uma ansiosa inclinação a comprazer-nos. Isto é mais certo no serviço de Deus, no qual são iguais as coisas grandes e pequenas; porque mais atende Deus ao motivo e ao afeto do coração que à substância da obra. O desejo mesmo de agradar-lhe nas mais mínimas ações é o único princípio da verdadeira grandeza. Agradamos a Deus desde que temos verdadeiro desejo de agradar-lhe, à diferença dos grandes do mundo, que só estimam o serviço, sem dar-se-lhes nada pela intenção. O mesmo nome, isto é, o mesmo valor dá Deus às coisas que não são que às que são. Em sua estimação o desejo equivale à execução. Faze hoje um firme propósito de não omitir coisa alguma de todas as que Deus te pede. Por mais ligeiras, por mais miúdas que te pareçam as obrigações de teu estado, por pequenas que se te representem as regras de tua profissão, sê sumamente fiel e exatamente pontual em observá-las, em fazer tudo o que Deus te pede. Nisto consiste a arte e, por assim dizer, o segredo de ser santo. Não é pequena coisa ser fiel nas coisas pequenas. No serviço de Deus nada há pequeno.

2. Forma desde logo uma grande ideia da santidade e de tudo o que contribui para fazer-nos santos. Acaba de persuadir-te uma vez para sempre de que não há grandeza, não há sabedoria, não há prudência, nem ainda há sequer bom juízo senão na santidade, e de que não há homem de

verdadeiro mérito, verdadeiramente sábio, verdadeiramente capaz, nem verdadeiramente estimável, ainda na estima do mundo, senão o homem virtuoso e verdadeiramente cristão. Nossa estimação se há de medir pela que Deus faz das coisas: o que Deus condena, o que reprova e o que despreza nunca pode ser estimável nem merecer nossa aprovação. Fala sempre neste conceito e sobre este sistema, dando as mesmas lições a teus filhos e família. Nada prejudica mais a salvação que infundir na gente moça ideias contrárias a estas máximas e a estas verdades de nossa Religião. Por via de regra não ouvem apreciar, engrandecer nem invejar senão as grandezas humanas, as brilhâncias aparentes e tudo o que deslumbra os olhos: que maravilha se, acostumado seu terno coração a apascentar-se destas vaidades, não estimam depois senão aquilo que causa sua perdição? Esta advertência é da maior importância. Não a esqueças jamais e aplica todos os meios possíveis para ser santo: esta é a maior fortuna que podes fazer.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:45 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:45 by Admin